

AS TIRAS DE ARMANDINHO EM TEMPOS DE PANDEMIA

LUCAS PACHECO BRUM¹; ELIADA MAYARA CARDOSO DA SILVA ALVES²;
MARIA CECILA LOREA LEITE³

¹Universidade Federal de Pelotas – lukaspachecobruma@yahoo.cm

² Universidade Federal de Pelotas – eliadamayara@hotmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – mclleite@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho encontra-se inserido nos estudos e pesquisas realizadas pelo Grupo de Pesquisa Laboratório Imagens da Justiça da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, o qual é composto pela experimentação e compartilhamento de estudos de imagens, como elementos de análise de currículos de cursos de graduação, realizado por pesquisadores/as de diversas áreas como Educação, Direito e Artes Visuais, vinculados tanto a instituições de nível nacional quanto internacional. Nesse sentido, este Grupo de Pesquisa vem desenvolvendo estudos visuais, como aquelas produzidas pelos sujeitos professores/as e estudantes (LEITE, 2014) como também aquelas imagens que circulam na nossa cultura contemporânea (BRUM; CUNHA; LEITE, 2021).

Diante disso, neste resumo, focalizamos uma análise de uma tira criada pelo ilustrador brasileiro Alexandre Beck, protagonizada pelo personagem Camilo, nas tirinhas de Armandinho. A imagem aqui é acionada pela ferramenta conceitual de dispositivo pedagógico de Michel Foucault (1979), que endereça, educa e forja, ideias, concepções sobre educação, democratização e pedagogia, além de construir e influenciar modos de ver, pensar, ensinar e fazer o currículo e às práticas pedagógicas. Desse modo, temos como objetivo analisar os discursos verbais e não verbais da tira, como por exemplo, o contexto educacional na pandemia, as desigualdades de aprendizagens e oportunidades, a democratização equitativa de bens materiais e simbólicos, o acesso ao conhecimento, aos livros e a leitura às camadas mais pobres e negras da sociedade, conforme a imagem abaixo.



Figura 1. Fonte: Beck. Disponível em: < <https://www.facebook.com/tirasarmandinho> >. Acessado em 17 de agosto de 2022.

Isso significa considerar que, as tiras do Armandinho são pedagogias “portadoras e mediadoras de significados e oposições discursivas que contribuem para pensar

o mundo e para pensarmos a nós mesmos como sujeitos” (HERNÁNDEZ, 2011, p. 33). Marcado por este viés, o modo como nos relacionamos, convivemos e interagimos, principalmente com as imagens com teor educacional. É, nesse processo fluído, dinâmico e visual em que os significados são personificados, que este resumo se instala para pensar/analisar as imagens - as tiras -, do Armandinho como dispositivos pedagógicos que se estuda e fabricam nossas concepções de educação, pois “o relevante das pedagogias da cultura visual não são os objetos, mas sim as relações que mantemos com eles” (HERNÁNDEZ, 2013, p. 83) e, sobretudo, as mediações sociais e experiências visuais que estabelecemos com elas. Desse modo, a Cultura Visual é um campo que estuda não apenas as imagens que circundam na cultura, mas focaliza as experiências visuais que os sujeitos fabricam e engendram com o que se vê por meio/na da cultura. Em outras palavras, dá ênfase as pedagogias culturais/visuais que produzem o olhar.

2. METODOLOGIA

A tônica da análise não se dá, de maneira descritiva e formalista da imagem, ao contrário, buscamos explorar as camadas discursivas entre o verbal e o não-verbal e suas relações e conexões. Interessamo-nos em analisar as frestas, as irrupções, os relevos, o que as imagens dizem ou não, o que elas escondem, questionam, atraem, seduzem, incomodam e nos formam enquanto professores/as e pesquisadores/as, e sobretudo, os modos como esse dispositivo pedagógico elaboram e fabricam nossas concepções educacionais e curriculares.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Armandinho nem sempre protagoniza suas tirinhas sozinho, em algumas delas o garoto dos cabelos azuis divide os quadrinhos com seu amigo Camilo, o seu sapo de estimação e com seus pais. Camilo (Figura 1), é um menino negro, que tem acesso à educação e ao conhecimento. Pelo fato de sua etnia ser negra, tem a plena consciência que o meio em que vive é racista e preconceituoso. Percebemos que o personagem está situado frente às transformações ocorridas pela pandemia da Covid-19, em que o mundo se viu em pausa e em alerta - e ainda está -, por causa de uma crise sanitária que se alastrou pelos quatro cantos do planeta, mais conhecida um novo coronavírus, chamado cientificamente de SARS-CoV-2, segundo Organização Mundial de Saúde (OMS). Desde o descobrimento do novo vírus, “cuja ocorrência, a partir do olhar da Ciência, foi entendida como uma das maiores ameaças à espécie humana de toda a história”, de tal modo que, “tem transformado a maneira de nos relacionarmos uns com os outros, impondo a todos uma revisão de crenças, atitudes, valores e ações de solidariedade” (BRUM; MAGALHÃES; WOLFFENBÜTTEL; SOUTO, 2021, p. 16) e também as novas práticas de ensinar e aprender.

Em vista disso, Camilo apresenta um contexto de “isolamento social”, usando máscara, seguindo assim, todos os protocolos de proteção e de enfrentamento à Covid-19 da OMS e do Ministério da Saúde. Nos quadrinhos, o menino está de mochila, lendo um livro, ao que tudo indica que o cenário que a tira se passa é num contexto educacional ou numa biblioteca. A tira retrata o momento posto, em que aos poucos as escolas voltam às aulas, as rotinas educacionais e as suas atividades presenciais. Os/as estudantes estão indo às salas de aulas em números reduzidos, frente a essa nova ordem, estão seguindo as informações e orientações dos protocolos de segurança e de distanciamento social, vide Camilo, que aparece usando máscara.

O momento pandêmico em que se passa a tira, tem favorecido e alavancado as diferenças sociais, econômicas, sanitárias, e, sobretudo as desproporções de acesso a aprendizagem e ao conhecimento que têm crescido excessivamente no contexto público da Educação Básica brasileira (BRUM; MAGALHÃES; WOLFFENBÜTTEL; SOUTO, 2021), principalmente nas comunidades e locais mais marginalizados/pobres e de população negra. Camilo ao protagonizar como um sujeito negro, nos permite pensar nas dissimetrias de aprendizagens e na antidemocracia do conhecimento que as populações pobres e negras têm sofrido, sobretudo, em tempos de coronavírus. Somadas a todas essas questões, é evidente que nos deparemos com um problema ainda maior, ou seja, que muitos/as dessas camadas “não conseguem se dedicar às aulas, por diversos razões, pois além das questões sociais e psicológicas de enfrentamento à doença, a incerteza e o medo de uma possível contaminação, muitos/as estudantes e suas famílias sofrem pela falta de acesso à *internet*, bem como a falta de dispositivos móveis e computadores” (BRUM; MAGALHÃES; WOLFFENBÜTTEL; SOUTO, 2021, p. 12).

Não restam dúvidas, a pandemia tem hostilizado os mais vulneráveis, e não sendo suficiente a estrutura educacional, esta também não é benéfica a todos/as, não oportunizando o acesso, o que acarreta, cada vez mais, as disparidades sociais. Estas desigualdades sociais e de aprendizagem, e a consequente falta de acesso à educação, é evidenciada entre o sistema público e o privado de ensino da Educação Básica, vindo a corroborar em uma profunda desvantagem para o ensino público. Russo, Magnan e Soares (2020, p. 9) argumentam que a “propagação do vírus não só acirrou as desigualdades já existentes nesse sistema educativo, como também tornou mais evidente essa situação”.

Contudo, nesse cenário, podemos afirmar que “a pandemia da Covid-19 está revelando que os grupos populacionais que historicamente foram negligenciados, aqueles com baixa proteção ao emprego e as populações sem acesso adequado a cuidados de saúde acessíveis estão entre os mais atingidos, especialmente ao maior risco de óbito” (SANTOS, NERY, GOES, SILVA, SANTOS, BATISTA e ARAÚJO, 2020, p. 236). Conforme argumentam os/as autores/as, a pandemia encontra-se em um terreno favorável para a produção das desigualdades sociais e de aprendizagens, bem como de precarização das vidas negras. Em vista disso, de maneira atender a todos/as democraticamente, apontamos para uma educação que promova a igualdade e a equidade de acesso, aos processos democráticos de conhecimento e aprendizagem.

4. CONCLUSÕES

E para terminar, os quadrinhos de Alexandre Beck, reiteramos, funcionam como dispositivos pedagógicos que ensinam, questionam, formam, governam ideias, pensamentos e imaginários de professores/as e pesquisadores/as, pois “existe pedagogia em qualquer lugar em que o conhecimento é produzido, em qualquer lugar em que exista a possibilidade de construir verdades” (ANDRADE, 2013, p. 111). As tirinhas, nos permitem lançar novos olhares sobre as pedagogias que moldam e estruturam nossas práticas educativas de ensino e pesquisa, para além dos muros da escola. Afinal, somos constantemente bombardeados por imagens e artefatos culturais pedagógicos, que nos chegam em nossas vidas e cotidianos, principalmente através das múltiplas fontes/meios visuais que nos ensinam e mediam nossas práticas educativas e curriculares.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Sandra dos Santos. Mídia impressa e educação de corpos femininos. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 8. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. p. 109-122.

BRUM, Lucas Pacheco; CUNHA, Natália Ferreira da; LEITE, Maria Cecília. IMAGENS E CURRÍCULOS: o que dizem as tiras de Armandinho sobre os currículos escolares? **Revista Espaço do Currículo**, v. 14, n. 3, p. 1-14, 2021. Disponível em: < <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rec/article/view/59105> >. Acesso em: 1 julho de 2022.

BRUM, Lucas Pacheco; MAGALHÃES, Marcus Vinícius Silva; WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim; SOUTO, Carlos Augusto Pinheiro. Pandemia, Educação e Desigualdade: o ensino-aprendizagem mediado pelas tecnologias. **Revista da FUNDARTE**, Montenegro, n. 44, p. 01-24, jan./mar, 2021. Disponível em: < <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> >. Acessado em 30 de março de 2021.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. (Org.). MACHADO, Roberto. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HERNÁNDEZ, Fernando. Pesquisar com imagens, pesquisar sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). **Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013, p. 77-113.

HERNÁNDEZ, Fernando. A Cultura Visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.). **Educação da Cultura Visual**: conceitos e contextos. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011, p. 31-49.

LEITE, Maria Cecília Lorea. Imagens da justiça, currículo e pedagogia Jurídica. In: LEITE, Maria Cecília Lorea (Org.). **Imagens da justiça, currículo e educação jurídica**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RUSSO, Kelly; MAGNAN, Marie-Odile; SOARES, Roberta. A pandemia que amplia as desigualdades: a Covid-19 e o sistema educativo de Quebec/Canadá. In: **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-28, 2020. Disponível em: < <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa> >. Acessado em 15 de julho de 2021.

SANTOS, Márcia Pereira Alves dos; NERY, Joilda Silva; GOES, Emanuelle Freitas; SILVA, Alexandre da; SANTOS, Andreia Beatriz Silva dos; BATISTA, Luís Eduardo; ARAÚJO, Edna Maria de. População negra e Covid-19: reflexões sobre racismo e saúde. **Estudos Avançados**, 34 (99), p. 225-243, 2020. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/173383> > Acessado em 14 de julho de 2021.